

**Ambiente**

O **Sunday Times** é que afirma: a British Petroleum desmatou mil quilômetros quadrados para extrair cassiterita.

# DEVASTAÇÃO: GOVERNO INVESTIGA A DENÚNCIA.

E a própria empresa britânica diz que está averiguando se há mesmo desmatamento na sua mineração em Rondônia



Uma mina de cassiterita em Rondônia: devastação na floresta.

Agentes do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) foram enviados ontem a Rondônia para investigar denúncia do jornal londrino **The Sunday Times**, de que a British Petroleum (BP) teria desmatado 1.011 quilômetros quadrados da Floresta Nacional de Jamari, onde a empresa extrai cassiterita. O ouvidor-geral da Natureza, Renato Torrano, disse em Brasília que a BP tem autorização de lavra concedida pelo Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM) desde 69, mas somente para atuar numa área de 600 quilômetros quadrados.

Com a criação da Floresta Nacional de Jamari, em 84, o então IBDF passou a fiscalizar a região. Mas os últimos dados colhidos por seus técnicos, mostrando que 5% (30 quilômetros quadrados) da área permitida pelo DNPM tinha sido devastada, são de 1987. Se os agentes deslocados ontem confirmarem a denúncia, a BP poderá responder a inquéritos administrativo e criminal, correndo o risco de ser expulsa do País.

O **The Sunday Times** também afirma que o banco britânico Barclays, em associação com o Banco de Crédito Nacional, vem queimando florestas para desenvolver atividades agropecuárias, na fronteira entre Pará e Mato Grosso, desde 1960. Ainda no Pará, a anglo-holandesa Shell, associada a Alcoa, já teria gasto dois bilhões de dólares num projeto de produção de alumínio que destruiu 6,8 quilômetros quadrados

de floresta. E, no Espírito Santo, as Indústrias BAT (British American Tobacco, proprietária da Souza Cruz), acionistas da Aracruz Celulose, teriam derrubado mais de 600 quilômetros quadrados de florestas nos últimos 15 anos para fabricar papel. O ouvidor da Natureza conclui até hoje os levantamentos destes casos, devendo também enviar a estas regiões agentes florestais.

**Constrangimento**

Um porta-voz da British Petroleum explicou ontem em Londres, ao correspondente da Agência Estado, José Carlos Santana, que o trabalho de mineração em Rondônia obedece estritamente as leis brasileiras, mas que, mesmo assim, vai promover uma investigação de alto nível para apurar as denúncias do jornal.

As acusações são sérias e deixaram a empresa britânica numa situação constrangedora. No ano passado, a companhia recebeu uma medalha de ouro do **World Environment Center**, em Nova York, pelo seu cuidado com a natureza e pelos investimentos feitos para preservá-la. E, no início deste ano, seu departamento de relações públicas lançou uma campanha publicitária nos jornais, rádio, televisão e cinemas, para mostrar a grande preocupação da BP com o verde.

“Agora, nós estamos mais verdes que nunca”, diz um dos slogans, referindo-se à pintura de todos os postos de venda da companhia com a cor verde. “Verde em casa, mas não verde lá fora,

comentou um dos jornalistas que colaboraram na elaboração da reportagem, publicada em duas páginas centrais do **Sunday Times**.

As denúncias são constrangedoras também para as autoridades brasileiras. O repórter alega que a mina a céu aberto, operada em conjunto pela British Petroleum (majoritária) e pela Brascan, empresa canadense, é protegida por guardas armados, e nem mesmo funcionários do governo, encarregados de proteger a floresta, conseguem entrar na área de mineração.

“Dentro do cordão de segurança”, conta o jornalista, “a verdejante floresta amazônica está sendo transformada numa paisagem lunar. Sinais da agonia da floresta estão por todos os lados — algumas árvores caídas e outras completamente cobertas de poeira. O guarda florestal não tem poderes para inspecionar o local. Sua única função é observar a floresta ser destruída”.

Segundo o repórter, nem castanheiras, árvores protegidas pelas leis nacionais, escapam das queimadas e das lâminas das máquinas.

“Estamos preocupados porque o **Sunday Times** parece não ter entendido como opera uma indústria de mineração”, disse Peter Smedley, porta-voz da British Petroleum. “As informações que temos aqui é de que estamos trabalhando inteiramente de acordo com as leis brasileiras. Nós estamos examinando as denúncias do **Sunday Times**, estamos aguardan-

do informações que pedimos ao Brasil e faremos uma investigação de alto nível sobre a questão.”

A direção do Barclays informou que o banco tem uma política “totalmente contrária” à destruição de florestas e está vendendo os seus interesses nas empresas Codeara e Agropastoril, supostamente responsáveis pela devastação nos estados do Pará e do Mato Grosso.

A organização “Amigos da terra”, sediada em Londres e responsável por uma campanha sistemática pela preservação da Amazônia e de proteção aos índios, preferiu não fazer qualquer comentário sobre a reportagem do **Sunday Times**. E isso porque vai divulgar, dentro de duas semanas, um relatório completo sobre a participação das multinacionais na devastação da Amazônia e de outras florestas tropicais.

A precaução da associação também pode estar relacionada com os números da denúncia. Cem mil hectares, como analisa um pesquisador da Unicamp, pode ser um exagero do **Sunday Times**. Um desmatamento desse tamanho já teria sido descoberto pelo Instituto de Pesquisas Especiais (Inpe) através das fotos enviadas por satélite.

No Inpe estão registrados, em todo o Estado de Rondônia, 30.046 quilômetros quadrados de desmatamento. “Conhecemos bem os desmatamentos de Rondônia”, explica o pesquisador, “e cem mil hectares parece ser um absurdo”.